

## A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Maysa de Souza Villas Boas Francisco**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
maysa@uol.com.br

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo ressaltar a relevância da filosofia para a formação docente. Aborda o pensamento de importantes filósofos e educadores como Adorno, Freire, Saviani e Morin, analisando suas contribuições para a educação do futuro e o papel do docente do ensino superior na formação dos novos profissionais. Destaca a reflexão filosófica como necessária ao educador na transmissão de valores éticos aos seus alunos.

**Palavras chaves:** Filosofia; Docentes; Formação.

**Abstract:** This paper has as its goal to underscore the importance of philosophy in the education of a professor. It starts with the thought of important philosophers and educators such as Adorno, Freire, Saviani and Morin, analyzing their contributions to the education of the future and the role of the professor in the graduation of new professionals. It highlights the philosophical reflection as a necessity of the educator in the transmission of ethical values to his or her students.

**Keywords:** Philosophy; Professors; Education.

### INTRODUÇÃO

*A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. Theodor W. Adorno*

A humanidade parece caminhar para um impasse: o que será de nós, seres humanos, com tanta barbárie disseminada, ainda no século XXI?

O que fazer para mudar essa trajetória de guerras, desrespeito aos direitos inalienáveis de cada cidadão, fome e miséria em meio à riqueza?

O caminho parece já ser conhecido por todos: educação. Educar os jovens para que Auschwitz não se repita nas palavras de Adorno, que ressalta a importância da educação para a emancipação do ser humano,

[...] O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação.<sup>1</sup>

Educar os jovens para que sejam críticos, para que não sigam cegamente seus líderes, sejam eles políticos ou religiosos. Adorno chega a ser profético citando o

---

<sup>1</sup> ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. “Educação após Auschwitz”. In: *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 p.125.

nacionalismo ressurgente como ameaça, por ressaltar o ódio pela diferença; a claustrofobia do mundo administrado, que enreda a todos cada vez mais; a ambiguidade do esporte, que ao mesmo tempo em que exalta o respeito pelo mais fraco, incentiva a violência. Ele radicaliza sobre a necessidade de que Auschwitz não se repita, insistindo muito nesse ponto. A história posterior à Segunda Guerra Mundial provou que ele tinha razão nessa radicalização.

Esse caminho tem em seu trajeto o preparo de quem educará os jovens. Educadores precisam ser preparados para mostrar caminhos novos, maneiras novas de pensar e agir. Esse novo pensar deve estar embasado no pensamento dos grandes filósofos.

A filosofia na formação dos docentes universitários é essencial para despertar esses novos caminhos. O estudo dessa disciplina possibilitará a reflexão sobre a história da educação e suas diversas abordagens. De acordo com Paviani,

Se é verdade que a filosofia nunca poderá ser um conhecimento divorciado da investigação científica, também é verdade, e isto é de sua natureza, que ela se realiza especulando criticamente os problemas que a ciência põe de lado, tais como o da existência do homem no universo, do bem e do mal, da vida e da morte. Indica-se com essas observações que a filosofia da educação precisa ser mais do que uma tarefa escolar ou exercício acadêmico. Ela não pode deixar-se conduzir por um processo imanente, fechado sobre si mesmo como disciplina. Ao contrário, deve ser uma constante e permanente pergunta crítica em relação à educação escolar, à vida do homem como indivíduo e como ser social.<sup>2</sup>

2

O professor universitário atuará na formação de novos profissionais, que precisarão de uma base ética para o exercício de suas profissões. Mulheres e homens que tenham preocupações não somente com os lucros das empresas, mas também com o bem estar da sociedade em que vivem. A educação deve buscar o pensamento crítico e despertar nos alunos a autorreflexão.

O conhecimento como arma contra a barbárie deve ser um mantra para os educadores. Mas só o conhecimento não basta: é preciso saber utilizá-lo a favor da humanidade.

Provocar a reflexão em seus alunos é uma das competências necessárias a um professor, segundo Masetto.

A reflexão crítica e sua adaptação ao novo, de forma criteriosa, são fundamentais para o professor compreender como se pratica e vive a cidadania nos tempos atuais, buscando meios para inserir esses aspectos em suas aulas, tratando dos diversos temas, selecionando textos de leituras, escolhendo estratégias que, ao mesmo tempo, permitam ao aluno adquirir informações, reconstruir seu conhecimento, debater aspectos cidadãos que envolvam o assunto e manifestar suas opiniões a respeito disso. Conciliar o técnico com o ético na vida profissional é fundamental tanto para o professor quanto para o aluno.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação*. São Paulo: Educus, 2010 p.17.

<sup>3</sup> MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2012.

Ainda há muito a ser feito para que a educação assuma um papel preponderante, principalmente no Brasil. Mas o estudo da filosofia sem dúvida é primordial na formação dos docentes, que formarão cidadãos mais conscientes de seus papéis na sociedade.

Para Morin, “civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade.”<sup>4</sup>

## 1 A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO: VALORES E OBJETIVOS

O docente do ensino superior, que contribuirá na formação de profissionais em todas as áreas do conhecimento, necessita de base teórica sólida em sua formação e também da formação humanista que a filosofia propicia.

Saviani, em seu livro *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, busca definir o sentido e a finalidade da filosofia da educação, bem como ela poderá auxiliar na formação dos educadores, por tratar-se de disciplina obrigatória dos cursos de pedagogia.

Partindo do princípio de que são os problemas, encontrados durante a vida, que levam o homem ao ato de filosofar, o autor discorre sobre os significados da palavra problema.

A palavra problema é frequentemente considerada sinônimo de questão. Porém não podemos considerar toda questão como problemática, mesmo que seja complexa. Outra definição para a palavra problema leva ao não saber, quando se desconhece a resposta a uma questão. O fato de não sabermos responder a uma questão não caracteriza um problema, mesmo que o desconhecimento da resposta leve ao mistério. O autor exemplifica com a experiência religiosa, pois a fé traz a aceitação do mistério.

Quando desconhecemos a resposta para uma questão e necessitamos conhecê-la, quando é preciso ultrapassar um obstáculo, enfrentar uma dificuldade ou dirimir uma dúvida, está configurado o problema. O homem encara um problema de forma tanto subjetiva como objetiva, numa relação dialética. Para Saviani, “o conceito de problema implica tanto a conscientização de uma situação de necessidade (aspecto subjetivo) como uma situação conscientizadora da necessidade (aspecto objetivo).”<sup>5</sup>

O autor ressalta a expressão “pseudoproblema” como um mal da estrutura escolar, já que muitas questões que compõem os currículos escolares não tem conteúdo problemático, possibilitando ao aluno a busca de artifícios que garantam a aprovação.

O problema indica um impasse. Quando o homem encara seus problemas de frente, aí se apresenta a filosofia. Trata-se, portanto, de “uma atitude que o homem toma perante a realidade. Ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão.”<sup>6</sup>

O homem obtém conhecimento tanto de maneira formal, sistematizada através da escola, como também pelas emoções, nas trocas que faz com outros humanos. A apreensão do conhecimento requer um esforço completo: intelecto, emoção, sensibilidade.

---

<sup>4</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.78.

<sup>5</sup> SAVIANI, Dermerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p 18.

<sup>6</sup> SAVIANI, Dermerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p 19.

Saviani contrapõe a lógica formal, na qual os termos contraditórios se excluem mutuamente, à lógica dialética, na qual os termos contraditórios se incluem mutuamente. Ressalta que a primeira envolve a atitude filosófica em contradições, enquanto a segunda nos dá um método crítico, que levará ao entendimento da radicalidade e da globalidade da reflexão filosófica.

O autor questiona a existência de problemas filosóficos, propondo que a atitude do homem diante dos problemas é que será filosófica ou não. São problemas que exigem reflexão radical, rigorosa e de conjunto. Logo, filosofia é “uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta.”<sup>7</sup>, sendo a filosofia da educação uma reflexão sobre os problemas da educação.

A partir do momento em que um problema surge, caminha com ele a necessidade de filosofar, de refletir. À medida que a reflexão se desenvolve, estabelece-se uma orientação, princípios e objetivos, mostrando o caminho da ação. Isso o autor denomina ideologia, que poderá contrapor-se à filosofia de vida. Por outro lado, ele aponta que “o saber é sempre interessado, vale dizer, o saber supõe sempre a ideologia da mesma forma que esta supõe sempre o saber.”<sup>8</sup>

De acordo com Saviani, a filosofia da educação é “uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta.”<sup>9</sup>. Problemas complexos que levantam várias questões:

- Conflito entre “filosofia de vida” e “ideologia” na atividade do educador;
- A opção ideológica e suas implicações, já que não existe a neutralidade na educação; o caráter superável das ideologias e o conflito entre elas;
- A possibilidade, legitimidade, valor e limites da educação;
- A relação entre meios e fins na educação, entre teoria e prática.

Quando falamos na não neutralidade da educação, recorremos a Paulo Freire. O educador deve compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, entender seu papel em sala de aula e que não há ensino neutro, sem ideologia. Não basta ensinar os conteúdos, é necessário ser ético na prática docente.

A reflexão filosófica torna-se assim extremamente necessária e importante para o educador. Para obter êxito em sua missão, o educador precisa apurar a capacidade de reflexão profunda, rigorosa e global. À luz da filosofia “a ação pedagógica resultará mais coerente, mais lúcida, mais justa<sup>10</sup>.”

Saviani propõe que a ênfase seja colocada na educação, nos problemas da educação, o que levará ao esclarecimento do significado da filosofia. A Filosofia da Educação deve explicitar as questões educacionais e não ocultá-las. Deve levar os educadores a refletirem sobre a educação e sobre seus papéis enquanto educadores.

Adotando uma atitude filosófica, os educadores devem refletir sobre os problemas educacionais de sua época, da mesma forma que fazem os filósofos.

A reflexão sobre os problemas educacionais remete à questão dos valores e objetivos na educação. Tendo como objetivo principal o homem, a educação visa à

---

<sup>7</sup> SAVIANI, Dermal. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p.24.

<sup>8</sup> SAVIANI, Dermal. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p.27.

<sup>9</sup> SAVIANI, Dermal. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p.28.

<sup>10</sup> SAVIANI, Dermal. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p. 29.

formação de um tipo de homem. A educação nunca é neutra: adota uma posição específica, que envolve determinados valores.

O homem, vivendo em seu habitat natural, sujeito tanto às condições da natureza como também às condições culturais, é um ser situado e valoriza o ambiente em que vive. Para o autor, “o homem tem necessidades que precisam ser satisfeitas, e esse fato leva à valorização e aos valores.”<sup>11</sup>

A educação deve levar o homem ao conhecimento de sua situação e possibilitar que ele a transforme, buscando aumentar sua liberdade, melhorar a comunicação e a colaboração entre os homens. Os valores mostram o que o homem quer ser. A valoração é o caminho que ele toma para chegar lá.

Saviani relaciona os objetivos da educação com a valoração, pois a partir desta é possível definir onde se pretende chegar. Tomando a situação brasileira como parâmetro, o autor define quatro objetivos para a educação brasileira:

1. Educação para a subsistência: criar condições para que o homem brasileiro consiga sobreviver, mesmo em condições adversas;
2. Educação para a libertação: criar condições de escolha, ampliando as opções;
3. Educação para a comunicação: criar condições para que conheçam suas possibilidades e seus limites;
4. Educação para a transformação: criar condições de mudanças políticas, que mudem a educação e o país.

Paulo Freire, já nas Primeiras Palavras de seu livro, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, chama a atenção para a “responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente”.<sup>12</sup> Entende ética como “marca da natureza humana”, indispensável à nossa convivência.

Freire recusa o ensino bancário, em que o educador sabe tudo e faz depósitos de conhecimento para o educando, que não sabe nada. A partir daí lista vários pressupostos, que em sua visão, são necessários ao educador.

Para ensinar é necessário:

- Rigoriedade metódica – ensinar a pensar certo: para isso é preciso não se estar certo de suas certezas;
- Pesquisa – não há como ensinar sem pesquisar. O professor deve assumir-se como pesquisador;
- Respeito aos saberes dos educandos – relacionar o conteúdo programático com a realidade do educando, fazendo-o pensar sobre ela;
- Criticidade – transformar a curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica, para defender-se de irracionalismos;
- Estética e ética – decência e boniteza de mãos dadas. O ensino não deve ser alheio à formação moral do educando;
- Corporificação das palavras pelo exemplo – pensar certo é fazer certo. O educador deve servir de exemplo e ter atitudes coerentes com suas palavras;
- Risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer tipo de discriminação - não se deve recusar o novo só porque é novo ou o velho por ser velho. Rechaçar qualquer espécie de preconceito é obrigação do educador. Pensar certo é dialógico e não polêmico.

---

<sup>11</sup> SAVIANI, Dermal. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009 p.45.

<sup>12</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011 p.17.



- Reflexão crítica sobre a prática – pensar criticamente a prática diária para melhorar e própria prática;
  - Reconhecimento e assunção da identidade cultural – reconhecer a importância da dimensão individual e de classe dos educandos. Compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que ao ser educado, gera a coragem;
  - Consciência do inacabamento – as coisas podem até piorar, mas também é possível melhorá-las. O homem não está pronto;
  - Reconhecimento de ser condicionado – nos tornamos educáveis porque nos sabemos inacabados. Somos “programados para aprender” (François Jacob);
  - Respeito à autonomia do ser do educando – o educador deve respeitar a curiosidade do aluno, sem ridicularizá-lo. Também não pode se omitir na proposição de limites à liberdade dos alunos. Deve dialogar com o educando;
  - Bom senso – o educador não deve confundir autoridade com autoritarismo, nem licença com liberdade. Deve respeitar a autonomia e a dignidade do educando. A prática docente deve ser, por humana, formadora e ética;
  - Humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores – a luta pela defesa dos direitos dos educadores a salários dignos é obrigação ética. Não é possível ser educador sem aceitar as diferenças entre os educandos. É preciso repensar a eficácia das greves, sem parar de lutar;
  - Apreensão da realidade – aprender é construir, mudar, estar aberto a riscos. A prática educativa é necessariamente política, não pode ser neutra. O professor não pode ocultar suas posições dos alunos: isso seria um desrespeito para com eles;
  - Alegria e esperança - a esperança faz parte da condição humana. Sem esperança não haveria história. O educador deve transmitir alegria e esperança aos educandos, mostrar-lhes que é possível fazer seu futuro, que ele não está pronto;
  - Convicção de que a mudança é possível – o mundo não é, está sendo. Mudar é difícil, mas possível. O educador deve respeitar os saberes dos grupos sociais nos quais atua;
  - Curiosidade – O educando deve aprender que sua curiosidade e sua liberdade têm limites éticos. Sem curiosidade, não se aprende e nem se ensina. O educador deve mostrar o caminho para a transformação da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica.
- Ensinar é uma especificidade humana e requer algumas competências:
- Segurança, competência profissional e generosidade – o professor deve levar a sério sua formação, estudar sempre, porém sem ser arrogante ou autoritário em face desse conhecimento. Há que ser generoso, ter relações éticas com os alunos. Não há como separar o ensino dos conteúdos da formação ética dos alunos;
  - Comprometimento – Não é possível ser professor sem se colocar verdadeiramente frente aos alunos. Deve haver coerência entre o que digo e o que faço como educador.
  - Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo – o educador deve entender seu papel em sala de aula, entender que não há ensino neutro, sem ideologia. Não basta ensinar os conteúdos, é necessário ser ético na prática docente;
  - Liberdade e autoridade – o educador deve trabalhar para que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Não pode haver liberdade sem limite e nem deve ela ser asfixiada. Aos alunos é necessário mostrar a

importância das decisões tomadas, que todas elas terão consequências, só assim construirão sua autonomia;

- Tomada consciente de decisões – não há neutralidade em educação, pois não há neutralidade de opiniões. O educador deve lutar pelos seus direitos e pelos direitos dos educandos de serem respeitados enquanto seres únicos. Mesmo que somente a educação não possa, sozinha, mudar o mundo, é imprescindível demonstrar aos alunos que é possível ocorrerem mudanças;
- Saber escutar – Paulo Freire dá extrema importância ao saber escutar. Neste livro, como em todos os outros, enfatiza como é necessário respeitar os saberes trazidos pelos educandos, como é importante aceitar as diferenças de cada um, ajudá-los na construção de sua identidade e autonomia. Para que isso aconteça, o educador deve estar aberto a ouvir o educando em suas angústias e inseguranças;
- Reconhecer que a educação é ideológica – neste trecho o autor chega a ser profético, deixando muito clara sua posição contrária ao lucro de qualquer forma, à ganância dos investidores, sem a preocupação com o que acontecerá aos milhares de trabalhadores. Cabe ao educador recusar posições dogmáticas, estar sempre aberto a ouvir todos os educandos, nunca reforçar preconceitos, enfim, resistir criticamente;
- Disponibilidade para o diálogo – é necessário à prática educativa estar aberto ao novo, ao que não se conhece, saber-se incompleto. O educador deve conhecer a realidade de seus alunos, quais as condições em que vivem, como são as ruas em que residem. Ao educador é primordial usar a mídia, discuti-la com seus alunos.
- Querer bem aos educandos – o professor não deve temer a afetividade, por ser humano. Porém, sem deixar que interfira em seu dever profissional.

De acordo com Freire,

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como a experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.<sup>13</sup>

A educação não pode dar ênfase somente à parte técnica, visando à eficiência. O aprendizado deve levar à compreensão do outro, do que não é igual. A educação deve levar os homens a se relacionarem, a criarem condições para um mundo melhor.

## 2 OBJETIVOS DE UMA EDUCAÇÃO DO FUTURO

Uma questão premente é de como educaremos para o futuro, como prepararemos os jovens para enfrentarem um mundo em constante transformação. Para Morin, não é mais possível educar de forma compartimentada. É preciso unir os conhecimentos, levar os homens a pensarem de forma global seus problemas locais.

A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de, as realidades ou problemas cada vez

---

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011 p.142.

mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários.<sup>14</sup>

Edgar Morin, em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, relaciona os sete saberes em que deve se basear a educação do amanhã. É necessário compreender também como o homem chega ao conhecimento, como se dá sua relação com o saber. Bernard Charlot reflete sobre isso em seu livro *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*.

A educação do futuro deve levar em conta a contribuição desses dois filósofos, refletindo a preocupação de Adorno, para que Auschwitz não se repita.

Os sete saberes indicados por Morin são:

1 – As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão – Todo conhecimento pressupõe a possibilidade de erro e de ilusão. O conhecimento depende da percepção de quem o detém, portanto está disposto ao erro e à ilusão. Poderia eliminar-se o erro se não houvesse afetividade envolvida no conhecimento. Porém não há inteligência sem afetividade. A educação deve buscar a origem dos erros e ilusões.

A educação do futuro precisa saber que a razão corre risco constantemente, necessitando de autocrítica. A educação deve levar em conta os paradigmas ocultos em todas as teorias, doutrinas ou ideologias. Um paradigma pode ao mesmo tempo, esclarecer e ocultar uma ideia. As crenças e convicções de uma sociedade juntam-se aos paradigmas para impor proibições, doutrinas e conformismos. A educação deve preparar o homem para a lucidez. “A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras.”<sup>15</sup>

2 – Os princípios do conhecimento pertinente – A quantidade de conhecimento existente hoje dificulta a aprendizagem. Para Morin, é imprescindível que a educação do futuro consiga organizar esses conhecimentos de forma não compartimentada, pois os problemas do mundo são globais, com várias dimensões e possibilidades. É preciso sempre contextualizar as informações, para que se produza conhecimento. É preciso ir do global para o particular.

Nossa educação nos ensinou a separar, dividir os conhecimentos, o que impossibilita o entendimento global. Nem sempre soluções racionais trazem bons resultados. Não deve haver uma única razão, pois ela impede a compreensão e a visão de longo prazo. A divisão do saber não permite ver o todo. É preciso, para a educação do futuro, unir as partes, buscar o todo e a parte.

3 – Ensinar a condição humana – A educação do futuro deve estar centrada na condição humana, levando o homem a questionar sua posição no mundo. O conhecimento humano é fragmentado, conhece-se mais as partes do que o todo. É preciso religar as ciências naturais com as humanas, para que o homem possa se situar no mundo.

4 – Ensinar a identidade terrena – A educação do futuro deve preparar o homem para entender sua condição de ser humano no planeta Terra. O desenvolvimento humano trouxe mais problemas do que soluções para o homem. O século XX uniu duas barbáries: guerra e racionalização. Todas as mortes produzidas pelas grandes guerras e pelos campos de extermínio nazistas e soviéticos podem ser superadas pela ameaça das armas nucleares

---

<sup>14</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.36.

<sup>15</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.21.



e da morte do planeta. A educação do futuro deve ensinar a ética da compreensão planetária, educar para a solidariedade e a civilização.

5 – Enfrentar as incertezas – A história do século XX mostra que não há futuro previsível. A história apresenta-se como criadora e destruidora. Civilização e barbárie se interligam na história da humanidade. A educação do futuro deve focar nas incertezas do conhecimento: cérebro-mental, lógica, racional e psicológica. O homem deve ser preparado para lidar com as incertezas, a esperar o inesperado e lidar com o improvável.

6 – Ensinar a compreensão – Apesar de todo o progresso no campo das comunicações, a incompreensão entre os homens continua. Ensinar a compreensão deve ser um dos objetivos da educação para o futuro. A compreensão entre seres humanos precisa de empatia, de tolerância e de abertura. É preciso ouvir o outro.

7 – A ética do gênero humano – O ensinamento da ética do futuro pressupõe a ligação entre indivíduo/sociedade/espécie. Essa ligação é favorecida pela democracia, um sistema complexo que exige respeito à diversidade, ao conflito de ideias e às liberdades individuais. As democracias existentes ainda são frágeis e não estão generalizadas pelo planeta. A despolitização da política é prejudicial à democracia, enfraquecendo-a.

A busca pela cidadania terrena deve ser a meta da humanidade. Nas palavras de Morin

Kant já dizia que a finitude geográfica de nossa terra impõe a seus habitantes o princípio de hospitalidade universal, que reconhece ao outro o direito de não ser tratado como inimigo. A partir do século XX, a comunidade de destino terrestre impõe de modo vital a solidariedade.<sup>16</sup>

9

O ser humano não nasce pronto, é construído durante toda a vida. Essa construção começa na família, nas relações pessoais e continua na escola e relações profissionais. O conhecimento vai sendo acumulado na medida em que o homem cresce e torna-se adulto. Mas o que é conhecimento e como ele se constrói?

A criança, ao conviver com os outros humanos, apropria-se do que já foi construído por eles anteriormente. O homem tem o dever de aprender para que possa tornar-se um ser singular e ao mesmo tempo, para que possa fazer parte de uma sociedade.

Para ser educado, é preciso a permissão do próprio homem: é necessária sua interação, sua participação. Segundo Charlot,<sup>17</sup> para educar-se o homem precisa de mobilização, força para agir; precisa-se de metas, meios de ação que estão fora dele; necessita-se de sentido para o movimento e a ação.

Aprender pode significar tanto apropriar-se de um saber, como também o domínio de uma técnica ou então formas de relacionamento. Não existe saber sem que o homem esteja envolvido com uma relação com o saber. O saber resulta de uma relação do homem consigo mesmo e também com o mundo que o cerca.

Para aprender é preciso estar situado em local e tempo, relacionando-se com outras pessoas. A relação com o saber faz parte da identidade de cada um, é construída através da reflexão, tendo como referência a história de cada um e a relação com o outro.

---

<sup>16</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.113.

<sup>17</sup> CHARLOT, Bernard Jean Jacques. *Da relação com o saber elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000,

Para aprender é preciso estabelecer relações: consigo, com o outro e com o mundo. Relações essas que fazem parte de uma sociedade e são indissociáveis dela. Aprender é uma maneira de apropriar-se do mundo.

A relação com o saber se faz através de símbolos, principalmente pela linguagem. Pressupõe uma ação do homem dentro do mundo. Essa relação é feita através do tempo, sem nunca findar. Cada homem aprenderá de uma maneira, uma vez que sua história é única: só ele a viveu.

O que faz o homem com o conhecimento que adquire ao longo da vida? Todos os homens o utilizam da mesma forma? Parece evidente que não. A história de cada um, a maneira como está no mundo estabelecerá sua relação com o conhecimento. A forma como esse conhecimento é apreendido também influi no uso que se fará dele. A ideologia existente em cada aula dada impacta diretamente na formação de cada aluno.

As concepções de educação de Charlot e Morin são complementares à ideia de Adorno. Morin avançou na teoria de uma educação após Auschwitz. Enfatiza a necessidade de ensinar a identidade terrena, a solidariedade, de ultrapassarmos a barbárie e chegarmos à civilização. Charlot mostra a relação do homem com o saber, com a aprendizagem e como ele transporta esse saber para sua vida diária.

Como educaremos os seres humanos para que vivam em um mundo cada vez mais unido e ao mesmo tempo separado?

Para Morin, não é mais possível educar de forma compartimentada. É preciso unir os conhecimentos, levar os homens a pensarem de forma global seus problemas locais; levar os educadores a pensar sobre a importância de se ensinar para a compreensão. As ideias propostas para a educação do futuro são visionárias e até utópicas, mas não impossíveis de se colocar em prática. Precisam de um compromisso de governos, educadores e sociedade para que possam avançar.

Nesse sentido, a formação dos docentes torna-se um ponto chave de todo processo educacional. Para enfrentar os desafios de cada aula, o professor precisa dominar a teoria da disciplina ministrada, conhecer as técnicas e práticas de ensino, preocupar-se com a aprendizagem do aluno e, principalmente, ter a formação humanista que a filosofia proporciona.

Saviani considera a educação sistematizada, elevada ao nível de consciência filosófica, condição imprescindível para o desenvolvimento de uma ação pedagógica coerente e eficaz.

Nas palavras de Morin, “A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana.”<sup>18</sup>

## CONCLUSÃO

Pensando em como são formados hoje em dia os jovens nas universidades, percebe-se a quase que total preocupação somente com as técnicas de cada profissão, em detrimento de uma visão de mundo mais generalista, que propicie ao formando lidar com o subjetivo, de preocupar-se com a ética. A formação é voltada para o mercado, para o mundo capitalista e não visa o ser humano com todas as suas potencialidades e carências.

Por outro lado, a formação do docente também deixa a desejar. Voltada na maioria das vezes somente para as competências técnicas, sem preocupação com uma visão mais humanista e global, “essa formação responde adequadamente ao modelo empresarial e de

---

<sup>18</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.47.

mercado que cada vez mais pressiona o ensino superior no mundo ocidental a partir da hegemonia neoliberal.”<sup>19</sup>

A formação dos educadores baseia-se nas exigências do mercado e na visão de que o conhecimento deve servir a essas demandas. Para Cunha,

O problema não está na formação para a pesquisa, mas na concepção de conhecimento que se instala no mundo ocidental, quase que hegemonicamente, dando suporte ao paradigma da ciência moderna. A visão mecanicista de mundo, onde a neutralidade e a quantificação tomaram dimensões preponderantes, definiu os alicerces da ciência moderna, tendo como pressuposto as mesmas bases. O predomínio da razão instrumental sobre as demais dimensões do conhecimento humano tomou proporções intensas, banindo do mundo acadêmico a possibilidade de trabalhar com as subjetividades e de privilegiar a condição ética.<sup>20</sup>

O educador tem inúmeras responsabilidades perante a sociedade. A maior delas é ser atuante na formação das mulheres e homens que herdarão a Terra, que levarão adiante a existência humana. Para Morin,

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.<sup>21</sup>

11

A compreensão do pensamento dos filósofos da educação torna-se cada vez mais urgente para a formação dos docentes. O entendimento de sua missão como educador e a busca de sua autonomia são questões que devem estar presentes para cada professor, apesar de toda a pressão exercida por currículos pré-estabelecidos, avaliações institucionais e, principalmente, pelo mercado do ensino superior.

A educação não pode se dar somente através das disciplinas constantes no currículo. O papel que o professor exerce é fundamental na formação do aluno. Para Severino,

A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada mediação universal e

---

<sup>19</sup> CUNHA, Maria Isabel da. “Ensino como mediação da formação do professor universitário.” In: *Professor do ensino superior: Identidade, docência e formação*. Disponível no endereço: [http://www.iprede.org.br/upload/arquivo\\_download/2007](http://www.iprede.org.br/upload/arquivo_download/2007), acesso em 01/03/2014 p.45.

<sup>20</sup> CUNHA, Maria Isabel da. “Ensino como mediação da formação do professor universitário.” In: *Professor do ensino superior: Identidade, docência e formação*. Disponível no endereço: [http://www.iprede.org.br/upload/arquivo\\_download/2007](http://www.iprede.org.br/upload/arquivo_download/2007), acesso em 01/03/2014 p.45.

<sup>21</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.93.

insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem.<sup>22</sup>

O educador deve ter claro seu papel na formação dos futuros profissionais, que irão para o mercado exercer suas profissões. Um engenheiro precisa ter claro sua responsabilidade, a maneira como o exercício de sua profissão afeta a sociedade. Um administrador de empresas tem que ter princípios éticos sólidos, entender que oferecer e aceitar propina é moralmente errado, além de ser um crime passível de punição.

Levar seus alunos à reflexão é uma das tarefas dos professores, principalmente no terceiro grau. De acordo com Anastasiou e Pimenta,

A mediação reflexiva é tarefa complexa que exige conhecimentos. Por isso, a identidade dos professores constitui também um processo epistemológico que reconhece a docência como campo de conhecimentos específicos configurados em quatro grandes conjuntos: os conteúdos das diversas áreas do saber (das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes) e do ensino; os conteúdos didáticos-pedagógicos, relacionados diretamente ao campo de atividade profissional; os conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do campo teórico da prática profissional; os conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social. Esses saberes devem ser mobilizados articuladamente nos percursos de formação inicial e contínua.<sup>23</sup>

Educar para o futuro significa começar hoje uma grande mudança. Não é possível mais aceitar campos de refugiados, exílios involuntários, miséria em meio à riqueza. Está nas mãos dos educadores uma parcela dessa missão. De acordo com Morin,

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica cérebro/mente não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão.<sup>24</sup>

a utopia dentro da prática diária faz parte da missão do docente. O caminho da autonomia e da cidadania passa necessariamente pela educação. Cabe ao educador despertar em seus alunos o desejo de trilhar esse caminho. A filosofia pode fornecer a base necessária aos educadores para esse despertar. Aristóteles, Platão, Rousseau, Hegel,

---

<sup>22</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. “A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030>, acesso em 24/03/2014 p.621.

<sup>23</sup> ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos e PIMENTA, Selma Garrido. “Didática e construção da identidade dos professores do ensino superior”. In: *Docência do ensino superior*. São Paulo: Cortez Editora, 2002 pp. 78 e 79.

<sup>24</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 p.72.

Kant, Adorno e tantos outros nos ajudam a prosseguir na busca de uma educação inspiradora, que cada vez mais mostre a saída da caverna.